

CAPÍTULO I

MENOS PÃO! MAIS IMPOSTOS!

...E a seguir toda a gente aclamou outra vez, e um homem, que estava mais excitado que todos os outros, atirou o chapéu ao ar e gritou (tanto quanto compreendi): «Quem grita pelo subgovernador?» Toda a gente gritou, mas se era por ele ou não, mal se percebia: uns clamavam «Pão», outros «Impostos», mas ninguém parecia saber o que realmente queria.

Via tudo isto da janela aberta do salão do governador onde se servia o pequeno-almoço, espreitando por cima do ombro do chanceler, que se levantara num salto logo que a gritaria irrompera, como se tivesse estado à espera disso mesmo, precipitando-se para a janela donde dominava perfeitamente a praça do mercado.

«Que quererá isto dizer?», repetia para si, enquanto, com as mãos atrás das costas e a sua toga a esvoaçar, andava rapidamente de um lado para o outro no salão. «Nunca tinha ouvido tal gritaria... e a esta hora da manhã! E com tal unanimidade! Não lhe parece muito estranho?»

Expliquei modestamente que nos meus ouvidos me parecia estarem a gritar diversas coisas, mas o chanceler nem sequer ouviu a minha sugestão. «Todos estão a gritar o mesmo, asseguro-lhe!» Seguidamente, debruçou-se na janela e segredou a um homem que estava mesmo por baixo: «Não é capaz de os juntar a todos? O governador está já a chegar. Dê-lhes o sinal para se porem em marcha!» Evidentemente que tudo isto não era dirigido aos meus ouvidos, mas não me foi possível evitar ouvi-lo, tanto mais que o meu queixo estava quase em cima do ombro do chanceler.

O cortejo era um espectáculo muito curioso: um desfile disperso de homens, marchando dois a dois; partia do outro lado da praça do mercado, e avançava em ziguezague irregular em direcção ao palácio, sem qualquer ordem, aos bordos, de um lado para outro, como um veleiro navegando contra um vento desfavorável, de tal modo que a frente do desfile estava muitas vezes mais afastada de nós ao terminar um dos bordos do que estivera no bordo anterior.

Era, porém, evidente que tudo estava a ser controlado, pois verifiquei que todos os olhares se fixavam no homem que estava mesmo por baixo da janela, a quem o chanceler estava continuamente a sussurrar. Este homem tinha o chapéu numa mão e uma bandeirola verde na outra: sempre que agitava esta o desfile aproximava-se mais um pouco e quando a baixava, desviavam-se um pouco mais para o lado; e sempre que agitava o chapéu todos soltavam um viva rouco. «Hu-urra!», gritavam, ao seguir atentamente o chapéu conforme este se elevava e baixava: «Hu-urra! Não! à Consti! Tu-u-ição! Menos! Pão! Mais! Impostos!»

«Basta, basta!», segredou o chanceler. «Deixe-os descansar um pouco até eu lhe fazer sinal. Ele ainda não

veio!» Mas, neste instante, as grandes portas do salão abriram-se de repente e ele voltou-se num sobressalto, como se não tivesse a consciência tranquila, para receber Sua Excelência. Mas era apenas Bruno, e o chanceler deu um pequeno suspiro de alívio.

«Bom dia!», disse o rapazinho, dirigindo-se ao chanceler e aos criados. «Xabes’u onde está Sylvie? Eu está à procura dela!»

«Está com o governador, creio eu, s’alt’zreal!», respondeu o chanceler com uma grande vénia. Havia, sem dúvida, algo de absurdo na aplicação deste título (que, como se pode verificar sem que eu o diga, não era senão «Sua Alteza Real» abreviado para três sílabas) a uma criaturinha cujo pai era simplesmente o governador do País do Exterior: deve-se, porém, desculpar um homem que passou vários anos na corte do País das Fadas e aí adquiriu a quase impossível arte de pronunciar sete sílabas como sendo três.

Mas Bruno, que saíra a correr do salão no momento em que se dava a grande façanha de triunfantemente se pronunciar o confuso trissílabo, ignorou a vénia.

Nesse mesmo instante ouviu-se à distância uma única voz gritar: «Um discurso, chanceler!» «Decerto, meus amigos!», respondeu o chanceler com uma prontidão extraordinária. «Vão ter o vosso discurso!» Então um dos criados, que estivera muito ocupado durante algum tempo a fazer uma mistura de ovo e xerez com um estranho aspecto, apresentou-lha numa enorme salva de prata. O chanceler pegou no copo com um ar arrogante, bebeu-a muito pensativo, sorriu com benevolência para o criado ao pousar o copo vazio e começou a falar. Tanto quanto me recordo foi isto o que disse:

«Hum! Hum! Hum! Companheiros de infortúnio ou, antes, sofredores companheiros...» («Não lhes chame



nomes!», murmurou por entredentes o homem por baixo da janela. «Eu não disse traiçoeiros», explicou o chanceler.) «Podem ter a certeza que eu sempre simpa...» («Atenção, atenção!», gritou a turba tão alto que abafou a voz aguda e fraca do orador)»...que eu sempre simpa...», repetiu. («Não force tanto o seu sorriso!» disse o homem

por baixo da janela. «Parece tolo!» E, durante todo este tempo o grito de «Atenção, atenção!» continuava a ressoar pela praça do mercado, como o estrondo de um trovão.) «Que eu sempre simpatizei!», gritou o chanceler, logo que se fez silêncio. «Mas o vosso verdadeiro amigo é o subgovernador! Dia e noite preocupa-se com os vossos delitos... quero dizer direitos... quero dizer delitos... não, quero dizer direitos...» («Não fale mais!», resmungou o homem por baixo da janela. «Está a baralhar tudo!») Neste momento o subgovernador entrou no salão. Era um homem magro, com uma cara mesquinha e astuta, com um tom de pele amarelo e esverdeado; atravessou o salão com passos lentos, olhando desconfiado à sua volta como se ali pudesse estar, escondido, em qualquer canto, um cão selvagem. «Bravo», gritou dando pancadinhas nas costas do chanceler. «Aquele seu discurso foi muitíssimo bom. Não há dúvida que é um orador nato, homem!» «Oh, isto não foi nada!», respondeu o chanceler, num tom de voz humilde e de olhos postos no chão. «Sabe que a maioria dos oradores já assim nasce.» O subgovernador cofiou o queixo, pensativo. «Bem, é um facto!», concordou. «Nunca o tinha considerado sob esse aspecto. No entanto, fê-lo muito bem. Uma palavrinha em particular!»

O resto da conversa foi todo ele em murmúrios; por isso, como não podia ouvir coisa alguma, pensei ir à procura de Bruno.

Encontrei o rapazinho de pé, no corredor, a falar com um dos criados de libré, que, também de pé à sua frente, quase se dobrava em dois, com grande deferência. Os seus braços, caídos para a frente, pareciam barbatanas de peixe. «Sua Excelência», dizia este homem reverenciador, «está no seu gabinete de trabalho, s'alt'zreal!» (Não o pronun-